




Revista
Educar Mais

"Regrava pra mim?": um estudo de caso sobre as adaptações dos materiais didáticos digitais para uma graduanda surdocega

"Record to me again?": a case study on the adaptations of didactics materials digital for a deafblind undergraduate student

"¿Regrava pra me?": un estudio de caso sobre las adaptaciones de materiales didácticos digitales para un graduado con sordociego

Thiago Lemes de Oliveira¹ 

RESUMO

A individualidade da pessoa com deficiência, bem como suas necessidades individuais específicas para acessar o mundo em que vive, são os princípios que balizaram este estudo de caso. Tem por objetivo relatar e refletir as adaptações feitas por mim dos materiais didáticos digitais, disponibilizados no ambiente virtual de uma licenciatura na modalidade a distância, a fim de conferir acessibilidade e maior autonomia a uma graduanda surdocega. Considera a surdocegueira como uma deficiência única causada pela perda parcial ou total, da visão e da audição, concomitantemente. Tal deficiência "afeta diretamente a comunicação, a mobilidade, a interação e o acesso às informações" (GALVÃO e MIRANDA, 2013, p.44). Os resultados apresentam as adaptações realizadas em materiais didáticos e paradidáticos virtuais, enfocando as barreiras existentes e as possibilidades criadas a partir de tais adaptações.

Palavras-chave: Adaptações; Pessoa com deficiência; Surdocegueira.

ABSTRACT

The individuality of the person with disabilities, as well as their specific accessibility needs to access the world in which they live are the principles that guided this case study. It aims to report and reflect the adaptations made by me of digital teaching materials, made available in the virtual environment of a degree in distance modality, in order to give accessibility and greater autonomy to a deafblind undergraduate. It considers deafblindness as a unique deficiency caused by partial or total loss of vision and hearing concomitantly. This deficiency "directly affects communication, mobility, interaction and access to information" (GALVÃO and MIRANDA, 2013, p.44). The results present the adaptations made in educational materials and virtual paradidactic, focusing on the existing barriers and the possibilities created from such adaptations.

Keywords: Adaptations; Person with disability; Deafblindness.

RESUMEN

para acceder al mundo en el que vive, son los principios que guiaron este estudio de caso. Pretende reportar y reflejar las adaptaciones realizadas por mí de los materiales didácticos digitales, disponibles en el entorno virtual de una carrera en la modalidad a distancia, con el fin de dar accesibilidad y mayor autonomía a un estudiante de posgrado sordociego. Considera a la sordoceguera como una discapacidad única causada por la pérdida parcial o total de la visión y la audición, concomitantemente. Tal deficiencia "afecta directamente la comunicación, la movilidad, la interacción y el acceso a la información" (GALVÃO y MIRANDA, 2013, p.44). Los resultados presentan las adaptaciones realizadas en los materiales didácticos y de enseñanza virtual, centrándose en las barreras existentes y las posibilidades creadas a partir de dichas adaptaciones.

Palabras clave: Adaptaciones; Persona con discapacidad; Sordoceguera.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG - Brasil.
E-mail: thilemesoli@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Considerando a individualidade da pessoa com deficiência, bem como suas necessidades específicas de acessibilidade para a vida cotidiana em sociedade, o presente trabalho relata as adaptações realizadas por este autor para incluir uma aluna surdocega em suas disciplinas durante um curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade a distância.

A fim de situar o leitor e contextualizar esta pesquisa, convém explicitar que o autor atuou entre os anos de 2019 e 2021 como tutor de um curso de Pedagogia a distância, em uma instituição pública de ensino superior, nas disciplinas em que a Língua Brasileira de Sinais era a principal língua de instrução. Nas disciplinas sob sua tutoria estava matriculada Helen (Nome fictício em homenagem a Helen Keller, primeira surdocega da história a se formar no ensino superior em 1904), uma jovem aluna surdocega congênita, detentora de apenas 50% da visão do olho esquerdo, filha de pais ouvintes e usuária da Libras como primeira língua. Como apontada pela pesquisa de Andrade (2018), Helen compõe o grupo de pessoas com surdocegueira congênita decorrente da infecção por Rubéola na fase fetal.

A surdocegueira é compreendida por pesquisadores na literatura especializada brasileira como uma deficiência única, causada pela perda parcial ou total, da visão e da audição, concomitantemente. Tal deficiência "afeta diretamente a comunicação, a mobilidade, a interação e o acesso às informações" (GALVÃO e MIRANDA, 2013, p.44).

À vista disso, para compor a discussão proposta por este estudo de caso, o relato foi organizado nas seguintes seções: em "Objetivo" é apresentado o propósito deste trabalho, em "Metodologia de um estudo" são apresentados o tipo e a abordagem deste relato de experiência, como e quais foram os dados utilizados para sua apresentação. Em "Um panorama sobre a surdocegueira", a fim de fundamentar as adaptações desenvolvidas para a inclusão da aluna, são destacadas as pesquisas que caracterizam sua deficiência e conferem um panorama sobre o ensino e inclusão da pessoa com surdocegueira na perspectiva de pesquisadores da área. Na seção "Conhecer para adaptar" são descritos os contextos do relato a partir das necessidades específicas da aluna, quais foram as adaptações realizadas diante de tais necessidades, e quais procedimentos foram utilizados para tais adaptações. Finalmente em "Considerações finais" são partilhados os resultados observados durante a realização deste trabalho, as suas contribuições para a prática docente do autor, bem como suas possíveis contribuições para a comunidade acadêmica.

2. OBJETIVO

Este estudo de caso objetivou relatar e refletir as adaptações específicas desenvolvidas por este autor, para ajudar Helen a ter maior autonomia no acesso aos materiais didáticos digitais e informativos de seu curso. Em tempo, consiste em um relato da experiência do autor ao lecionar e realizar adaptações metodológicas, procedimentais e comunicacionais para o atendimento da aluna com surdocegueira. Desta forma, justifico a escrita em primeira pessoa em alguns trechos deste relato.

3. METODOLOGIA DE UM ESTUDO

Esta pesquisa qualitativa caracteriza-se como um estudo de caso por ser o tipo de pesquisa que favorece o estreitamento entre o pesquisador e o campo de investigação (MINAYO,1992; GOLDENBERG, 1997). Embora o estudo apresentado seja focado na prática docente do próprio autor, apresenta elementos únicos que mereceram um olhar investigativo mais atento diante da especificidade da sua natureza e dos seus resultados.

Parafraseando Stake (1995) um estudo de caso configura-se como "intrínseco" quando há interesse de estudar um caso específico, uma experiência inovadora, que dignifica sua investigação a fim de identificar os elementos de sua composição, suas particularidades, os recursos que foram utilizados para atingir este nível, e que resultados possibilitam a multiplicidade de desdobramentos e alcance. Sobre isso, André (2013) destaca que os traços característicos do estudo de caso evidenciam-se quando:

a) o caso tem uma particularidade que merece ser investigada; e b) o estudo deve considerar a multiplicidade de aspectos que caracteriza o caso, o que vai requerer o uso de múltiplos procedimentos metodológicos para desenvolver um estudo em profundidade. (ANDRÉ, M. 2013, p.98).

Nesse viés, o caso estudado apresenta uma particularidade por destacar as adaptações feitas para atender as necessidades específicas de Helen, no intuito de conferir a ela a autonomia necessária para a apropriação de seus saberes acadêmicos e conseqüente formação acadêmica e profissional. Em consonância a isso, verificou-se num primeiro momento, a multiplicidade de procedimentos metodológicos nas diferentes técnicas e estratégias aplicadas às adaptações que foram realizadas para conferir maior acessibilidade e equidade, e, num segundo momento, por compreender que a multiplicidade de aspectos que compõem esse caso pode ser comum a outros casos similares.

Assim, para demonstrar intrinsecamente as particularidades desse estudo, foram selecionadas 3 adaptações criadas por este autor, a partir dos conteúdos propostos pela instituição promotora do curso em que Helen estava matriculada. A primeira para materiais em vídeo, a segunda para materiais em PDF e a terceira para atividades em fóruns acadêmicos. Mediante instrumentos de análise documental e observação, tais adaptações serão analisadas a partir do cruzamento de pesquisas e da flexibilidade interpretativa deste autor conforme propõe. (FLICK, 2009) Assim a próxima seção versará sobre a surdocegueira numa perspectiva clínica, cultural humanizada e socioantropológica.

4. UM BREVE PANORAMA SOBRE A SURDOCEGUEIRA

Numa perspectiva clínica, para a comunidade médica, a surdocegueira é caracterizada como um problema de saúde incapacitante, entretanto, para grande parte dos sujeitos surdocegos, a principal limitação em relação a sua deficiência ocorre nas atividades cotidianas mais comuns como: convivência social, atividades escolares, laborais e comunicação com o meio em que vivem. Pesquisas recentes apontam que tal limitação dificultam a conquista de uma formação acadêmica, de participação em eventos sociais e de lazer, e, principalmente de um vínculo empregatício. (DU FEU e FERGUSSON, 2003; ARIAS, ZEFERINO e BARROS FILHO, 2006; WATANABE, GIACOMINI, MAIA, 2006; WATANABE, MAIA, 2012, GASPAR, 2015).

Contrariando a definição estabelecida pela comunidade médica, que enfoca a deficiência como um problema de saúde, para Associação Sueca de Surdocegos, sob uma percepção cultural humanizada,

“uma pessoa é surdocega quando ele ou ela tiver problemas de visão e audição em um nível que lhe cause dificuldades evidentes em sua vida cotidiana.” Para essa associação, uma das mais renomadas nesse seguimento, “esta é uma definição funcional, não estritamente baseada em medidas de visão e audição, mas em como a pessoa se ajusta à sua deficiência e às suas necessidades”. (FSBD, 2009, s/p. Tradução minha²)

Nessa perspectiva, compreende-se que a surdocegueira, como qualquer outra deficiência, não pode ser generalizada, pois cada deficiência possui sua particularidade, além da sua aceitação por parte do sujeito ser única e individual. Talvez, uma forma menos discriminatória de classificar os tipos de surdocegos seja aquela proposta por Reyes (2004), que classifica a partir do momento e ordem de aparição das deficiências e o nível de seu funcionamento, subdividindo-os nos seguintes grupos: o grupo das pessoas surdocegas congênitas, que apresentam os dois canais perceptivos comprometidos logo ao nascer e cuja comunicação encontra grande probabilidade de não se estabelecer caso não ocorra uma intervenção específica o mais precoce possível; o grupo das pessoas surdocegas com deficiência auditiva congênita e uma perda de visão adquirida durante o transcurso da sua vida, normalmente educadas como surdas até que percam a visão, podendo usar a língua oral ou a língua de sinais.

Outros pesquisadores propõem ainda, que no ensino de crianças surdocegas aspectos como o momento inicial das perdas auditivas, o grau de comprometimento de cada perda, o amparo familiar, o acesso da criança à informação e a recursos assistivos devem ser levados em consideração antes de se estabelecer um currículo e/ou estratégia de ensino. Para estes pesquisadores, os professores e demais agentes educacionais, ao atentarem-se a esses aspectos, estarão munidos de informações suficientes para estabelecer tanto o vínculo quanto as ações pedagógicas necessárias para ensinar o aluno surdocego. (AMARAL, 2002; CADER-NASCIMENTO, 2007; REBELO, 2014)

Entre os recursos assistivos demandados pelos alunos surdocegos, está um recurso humano fundamental para a sua mobilidade, interação com o ambiente e interrelações sociais: o guia-intérprete. Trata-se de um profissional habilitado para atuar tanto como tradutor e intérprete de língua de sinais, quanto guia para mobilidade. Esse profissional geralmente é fluente na língua de sinais tátil, além de estar familiarizado com as necessidades específicas da pessoa surdocega. Trata-se portando do:

[...] profissional guia-intérprete (quem faz a interpretação na forma predominante de comunicação do surdocego e é também o seu guia), esse profissional é necessário para a inclusão da pessoa surdocega pós-linguística (quem adquire a surdocegueira após a aquisição de uma língua), ou um instrutor mediador (quem faz a interpretação e a intermediação das informações com o meio e a pessoa surdocega) para pessoas que são surdocegas pré-linguísticas (quem adquire a surdocegueira antes da aquisição de uma língua), na qual a intermediação será a chave para o sucesso da aprendizagem e inclusão. (FARIAS e MAIA 2007, p. 27).

² No original: a person is deafblind if he or she has so impaired sight and hearing as to give him obvious difficulties in his daily life, according to the statutes of the Association of the Swedish Deafblind, FSDB. This is a functional definition, not strictly based upon measurements of sight and hearing, but on how the person adjusts to his/ her handicaps and on his/her needs. (FSDB, 2009, s/p.)

No espaço físico escolar onde a educação ocorre de forma presencial, o guia-intérprete é, além de um recurso assistivo, um direito garantido aos alunos surdocegos como listado na Lei Brasileira de Inclusão, n.13.146 de 2015 que no capítulo IV do direito à educação, artigo 28 em seu inciso XI prevê a "formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio".

Entretanto no âmbito virtual, esse recurso torna-se inviável, já que para conferir tal acessibilidade o guia-intérprete deveria atuar na residência do aluno com surdocegueira durante todo o seu período de aulas síncronas e assíncronas. Por isso, tornar um curso de licenciatura na modalidade a distância para Helen, foi necessário conhecer suas necessidades específicas e criar adaptações para atendê-las neste contexto. A próxima subseção descreve como foi realizado esse levantamento.

5. CONHECER PARA ADAPTAR: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por ser aluna de uma licenciatura na modalidade a distância, os materiais didáticos e paradidáticos fornecidos pela instituição para Helen, são materiais digitais compostos por videoaulas, documentários, arquivos de texto em PDF e apresentações em PowerPoint. Considerando o fato de que muitos materiais não eram acessíveis às necessidades específicas de Helen, ao receber os materiais em vídeo, ela sempre recorria a mim, seu tutor, em mensagens de vídeo ou videochamadas, pedindo "Regrava pra mim?", tal situação serviu de base para este estudo, assim como sua solicitação que o intitula.

A primeira adaptação feita, para os materiais didáticos em vídeo, necessitou de um estreitamento da minha relação com a aluna, a fim de conhecer suas necessidades individuais específicas. Entre as principais necessidades estavam (a) a troca do plano de fundo dos vídeos e o seu contraste com a roupa e a pele do sinalizante, (b) legenda em caixa alta, (c) letras contrastadas com contorno preto e fundo amarelo ou branco (d) a descrição das imagens apresentadas nos vídeos.

Para exemplificar, compartilho três imagens na sequência. As duas primeiras consistem em capturas de tela³ de um material didático em vídeo (Imagem 1), um documentário paradidático (Imagem 2) disponibilizados em Libras pela instituição, nelas é possível observar que as necessidades individuais de Helen não eram contempladas. Por fim o print (Imagem 3) apresenta um exemplo de adaptação feita por mim, para que Helen tivesse acesso aos seus materiais em vídeo.

Na Imagem 1 podemos observar o uso de um fundo branco neutro que não contrasta com a sinalizante de pele branca e que traja uma camiseta azul clara. Além disso, a legenda em língua portuguesa é disponibilizada em letra minúscula de cor branca, sem fonte ampliada e sem contraste.

³ O rosto das sinalizantes foi desfocado a fim de proteger sua identidade, conferido sigilo.

Imagem 1: Captura de tela de material didático digital.

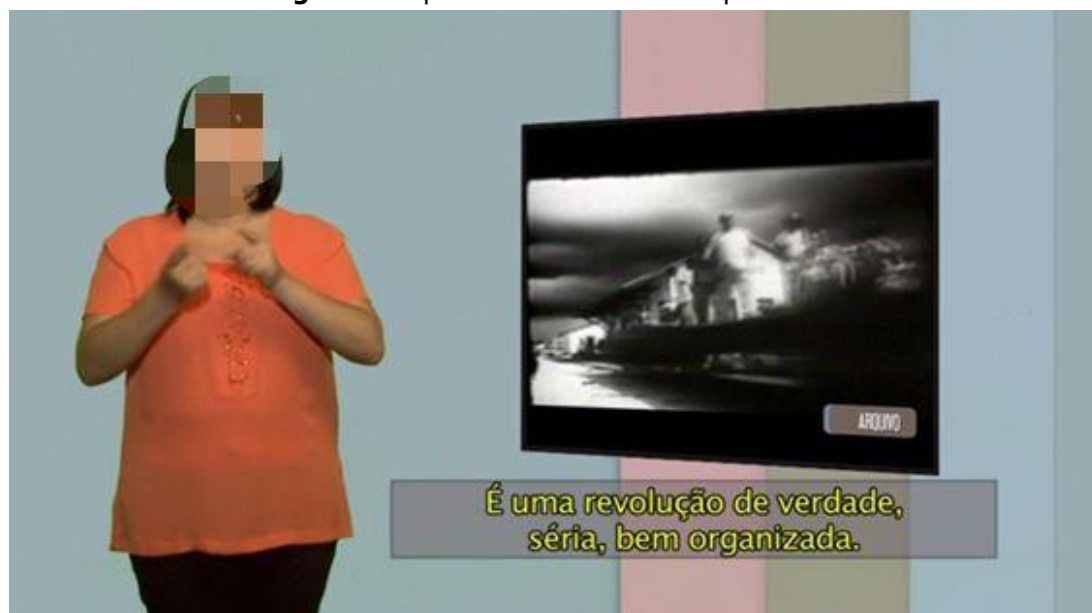


Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Na Imagem 2, referente a um documentário paradidático, disponibilizado em Libras, observamos o uso de um fundo colorido em tons frios com quatro faixas verticais nas cores azul claro, rosa, cinza e bege, intercaladas, que apesar de contrastar com a pele parda da sinalizante, constitui um plano de fundo multicolorido, impossibilitando Helen de distinguir os demais elementos em cena, além da sinalizante. Outro aspecto que podemos observar é que a sinalizante está trajando uma camiseta laranja, com botões dourados que ao serem iluminados produziam um reflexo brilhante as sobre suas mãos.

No canto inferior direito, há a presença de uma televisão que passa imagens em preto e branco, sem uma descrição detalhada delas. Por fim a legenda apresenta contraste com contorno das letras em preto e fundo amarelo, mas estão escritas em letras minúsculas, sendo reproduzidas dentro de uma caixa de texto cinza que impossibilitava a visibilidade e leitura de Helen.

Imagem 2: Captura de tela de material paradidático.



Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Sobre as necessidades de contraste em vídeos para uma pessoa surdocega, Salgado e Martins (2021) esclarecem que “a falta do fundo escuro e camisa clara, a pessoa sinalizante nas videoaulas ou materiais de apoio das disciplinas do curso fazem com que haja prejuízo na aquisição de das informações”. (SALGADO e MARTINS, 2021 p.67)

Diante disso e considerando as necessidades individuais de Helen, a imagem a seguir apresenta a primeira adaptação, das mencionadas na metodologia desse estudo, uma regravação dos vídeos didáticos acima, que buscou conferir-lhe maior acessibilidade a partir de suas especificidades. Aos videntes, como se pode notar, há a presença de um fundo neutro da cor cinza que contrasta com a pele branca e a camiseta preta do tutor sinalizante. A legenda em língua portuguesa possui fonte ampliada, em caixa alta, contorno das letras na cor preta, fundo amarelo e está disposta dentro de um quadrante (GC) de fundo preto. Estando tais adaptações em acordo com Salgado e Martins (2021) ao destacar que “pele branca: o ideal é sempre usar camisa preta [...] O contraste é muito importante. (SALGADO e MARTINS, 2021 p.69).

Imagem 3: Captura de tela de material didático digital adaptado.



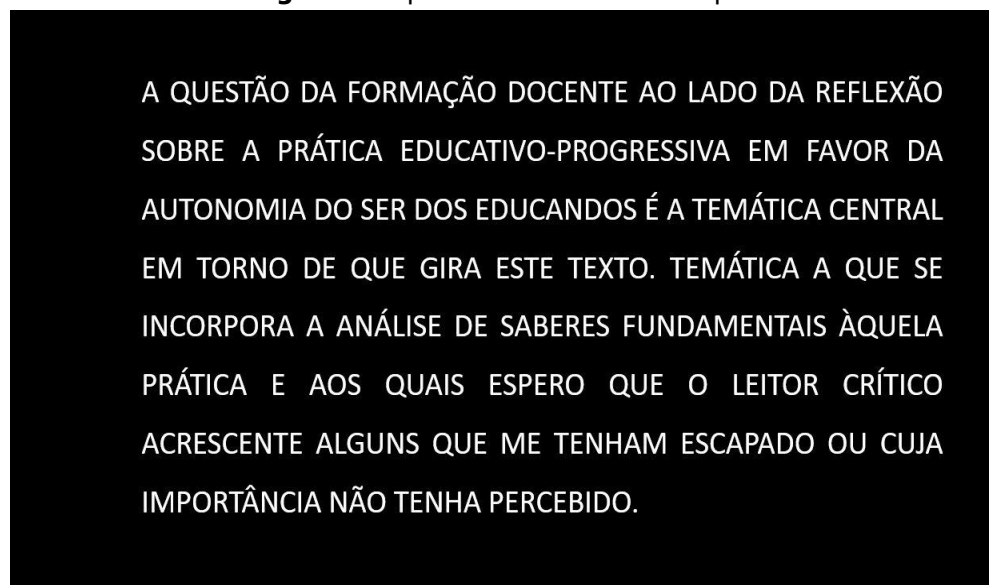
Fonte: Acervo pessoal.

A segunda adaptação selecionada para compor esse estudo, foi feita para os materiais didáticos digitais escritos em Língua Portuguesa, arquivos de PDF e apresentações em Powerpoint. Segundo Salgado e Martins (2021):

A leitura digital necessita ser adaptada às condições individuais com relação ao tamanho da letra e quanto a cor da letra que pode ser na cor amarela ou branca...e com fundo preto. (SALGADO e MARTINS, 2021 p.72).

Com essa mesma orientação de Salgado e Martins (2021) a segunda adaptação feita para tornar os materiais digitais acessíveis à Helen, foi a transformação de textos, livros, artigos e demais conteúdos em PDF para arquivos em PowerPoint. Nessa adaptação os textos eram transferidos para uma tela de fundo preto, com letras brancas em fonte ampliada, maiúsculas e com espaçamento de 1,5 entre linhas. A imagem 4 apresenta um exemplo fictício dessa adaptação, feita para o livro “Pedagogia da autonomia” de Paulo Freire, disponibilizado em PDF em diferentes sites públicos na internet.

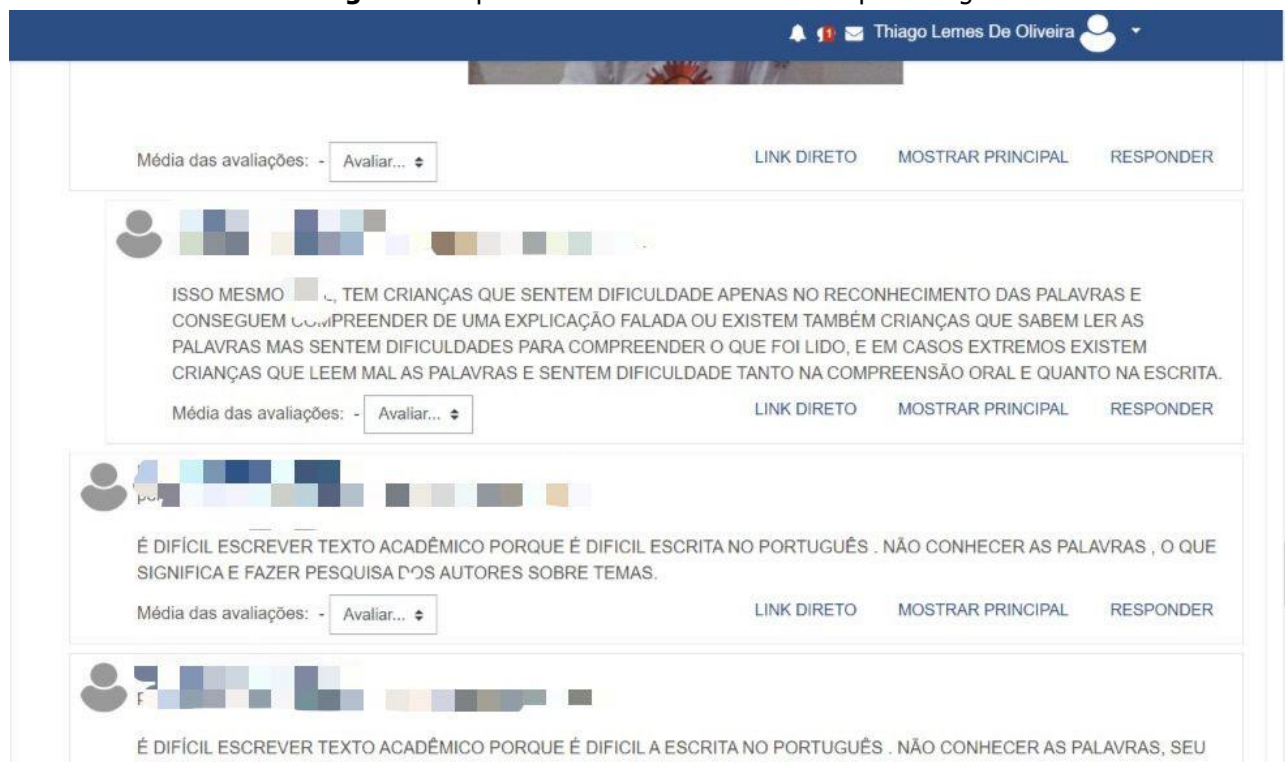
Imagem 4: Captura de tela de texto adaptado.



Fonte: trecho do prefácio da obra. FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Por fim, a terceira adaptação para conferir maior autonomia à Helen foi feita em conjunto com a participação de seus colegas, durante os fóruns interativos. Ao iniciar cada disciplina, durante as aulas síncronas, os alunos eram orientados por mim, a fazerem suas postagens em vídeo seguindo as especificidades descritas na adaptação 1 deste estudo; no caso das postagens em língua portuguesa, todos os alunos eram orientados a escrever com fonte ampliada e letras maiúsculas como pode ser observado na Imagem 5, que constitui um Print de espaço de fórum virtual. Ressalto que os nomes foram borrados para conferir sigilo aos alunos, bem como à instituição promotora.

Imagem 5: Captura de tela de sala virtual de aprendizagem.



Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este estudo de caso com o objetivo de relatar e refletir as adaptações que foram feitas para que Helen tivesse maior acesso e autonomia aos conteúdos, materiais e informações referentes ao seu curso. Entretanto, ao descrevê-los, pude identificar e compreender as diferentes competências exercidas durante esse processo.

Em um primeiro momento destaco a competência empática, necessária para me colocar no lugar de Helen, apropriar-me de seus anseios e frustrações, buscar conhecer suas reais necessidades específicas e individuais, pensar na melhor forma de atender essas necessidades bem como nos melhores recursos assistivos. Concomitante à competência empática, estão as competências relacional interpessoal e de adaptabilidade, fundamentais para estabelecer diálogos e conseqüentemente um vínculo de confiança com ela.

No segundo momento, após conhecer as necessidades individuais específicas de Helen, acredito que as competências de organização e criatividade, foram de grande valia para criar seus materiais adaptados.

Por fim, considero que a competência de trabalho em equipe, em que Helen, seus colegas e eu exercemos, foi o que a possibilitou, enquanto aluna surdocega, maior autonomia e acessibilidade num ambiente virtual de ensino.

6. REFERÊNCIAS

AMARAL, I. A educação de estudantes portadores de surdo cegueira. In: MASINI, E. F. S. **Do sentido, pelos sentidos, para o sentido**. Niterói: Intertexto, 2002. p. 121-144.

ANDRÉ, Marlí. O que é um estudo de caso? **Revista da FAEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

ARIAS, Márcia Helena R.; ZEFERINO, Angélica Maria B.; BARROS, Antonio de Azevedo Filho. Características clínico-sociais do surdocego institucionalizado. **Rev Paul Pediatría**, 2006; 24(1):20-6.

ANDRADE, Arheta Ferreira de. Surdocegueira, Cartografia e Decolonialidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Jul/Set. 2018 v. 38 nº3, 595-610.

BRASIL. Casa Civil. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. **Descobrimo a surdocegueira: educação e comunicação**. São Carlos: Edufscar, 2007.

DU FEU, Margaret; FERGUSSON, Kenneth. Sensory impairment and mental health. **Advances in Psychiatric Treatment**, Volume 9, Issue 2, March 2003, pp. 95 - 103.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

GALVÃO, Nelma de Cássia Silva Sandes; MIRANDA, Theresinha Guimarães. Atendimento Educacional Especializado para alunos com surdocegueira: um estudo de caso no espaço da escola regular. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 19, n.1, p. 43-60, Jan.-Mar., 2013.

GASPAR, Tania. et al. Surdocegueira: Crianças e Jovens Surdocegos em Portugal. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**. Lisboa, 6(1), p.35-42. 2015

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec Ltda, 1992.

REBELO, António. O desenvolvimento cognitivo e tomada de decisão das pessoas surdocegas, **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**. Lisboa, 5(1) 2014. pp. 211-221

REYES, Daniel Alvarez. (2004). **La sordoceguera: Uma discapacidad singular**. Madrid: Organización Nacional de Ciegos Españoles.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. London: SAGE Publications, 1995.

SWISS NATIONAL ASSOCIATION OF AND FOR THE BLIND. **A publication on the study “The living circumstances of deafblind people at different stages of their lives in Switzerland”**. Disponível no site da internet http://www.szb.ch/fileadmin/images/en/Our_services/Deafblindness_-_Facing_up_to_the_facts_-_SNAB_Switzerland_Print.pdf. 2012.

SALGADO, Gabriela Serenini Prado; OLIVEIRA, Adriana Martins. Relato de experiência de uma aluna surdocega em um curso superior na modalidade à distância. In. VIEIRA, Natanael; FARIAS, Laura Virginia Tinoco. (Orgs.). **E-book especial: Diálogos educacionais**. Itapecuru Mirim, 2021. p.63-73

WATANABE, Dalva Rosa; GIACOMINI, Lilian; MAIA, Shirley Rodrigues. (Org.). **Entrando em contato com as pessoas surdocegas: Formas de comunicação** (Vol. 2). São Paulo: Grupo Brasil. 2006.

WATANABE, Dalva Rosa; MAIA, Shirley Rodrigues. (Org.). (2012). **Projeto pontes e travessias: Formação de guia-intérprete**. São Paulo: Ahimsa. Campinas: Pontes. 2016.

Submissão: 02/05/2022

Aceito: 25/06/2022